

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Artes e Comunicação Social
Bacharelado em Produção Cultural

Arte, cidade e pertencimento: desafios da relação entre museus, arte
contemporânea e sociedade – Estudo de caso: MAC (d)e Niterói

Caroline Bellomo

Niterói, 2017

CAROLINE BELLOMO

ARTE, CIDADE E PERTENCIMENTO: DESAFIOS DA RELAÇÃO ENTRE MUSEUS,
ARTE CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE – ESTUDO DE CASO: MAC (D)E
NITERÓI

Orientador: LUIZ GUILHERME
VERGARA

Monografia apresentada ao curso de
Produção Cultural da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Bacharel.

Niterói, 2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

- B446 Bellomo, Caroline.
Arte, cidade e pertencimento: desafios da relação entre museus, arte contemporânea e sociedade – Estudo de caso: MAC (d)e Niterói / Caroline Bellomo. – 2017.
44 f. ; il.
Orientador: Luiz Guilherme Vergara.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2017.
Bibliografia: f. 40-41.
1. Museu de Arte Contemporânea (Niterói, RJ). 2. Niemeyer, Oscar, 1907-2012. I. Vergara, Luiz Guilherme. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: CAROLINE BELLOMO	Matricula: 111.33.024
Título do Trabalho "ARTE, CIDADE E PERTENCIMENTO: DESAFIOS DA RELAÇÃO ENTRE MUSEUS, ARTE CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE - ESTUDO DE CASO: MAC D(E) NITERÓI"	
Orientador: Dr. Luiz Guilherme Vergara	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 17/03/2017

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Dr. Luiz Guilherme Vergara
2º Membro: Dr. Wallace de Deus Barbosa
3º Membro: Sr. Leandro Baptista de Almeida

AVALIAÇÃO:
Análise / Comentário <i>A banca reconhece a relevância do trabalho de estudante desenvolvido a partir de uma pesquisa participativa reunindo a uma narrativa direta dos processos e projetos culturais do MAC voltados à construção de uma relação diferenciada de novos pertencimentos sociais com a cidade, uma reflexão crítica e contemporânea sobre os dilemas de gestão do museu de arte contemporânea em Niterói.</i>
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

10.º
ASSINATURAS
<i>[Signature]</i> 1º Membro (Presidente)
<i>[Signature]</i> 2º Membro
<i>[Signature]</i> 3º Membro



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 17/03/2017

Eu, **CAROLINE BELLOMO**, CPF 420.391.568-60 formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada “**ARTE, CIDADE E PERTENCIMENTO: DESAFIOS DA RELAÇÃO ENTRE MUSEUS, ARTE CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE – ESTUDO DE CASO: MAC D(E) NITERÓI**” defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

Caroline Bellomo

CAROLINE BELLOMO

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar os meus mais sinceros sentimentos de gratidão a todos os meus amigos que me acompanharam durante a jornada na UFF, com quem dividi aulas, trabalhos, intervalos e momentos durante faculdade; aos professores e a todas as pessoas que acrescentaram em minha formação.

Também a todos com quem tive a oportunidade de trabalhar no MAC: foi uma experiência que levarei para a vida. Todos vocês contribuíram no meu crescimento.

À Leda, que não poderia ter sido mais prestativa, sempre gentil, e que auxiliou na minha pesquisa; a todos aqueles que me ouviram, me deram dicas, me emprestaram livros: este trabalho tem um pedacinho de cada um de vocês.

Ao Ariel, que sempre me faz acreditar mais em mim mesma: você me apoiou, me ouviu e me acalmou ao longo dos últimos meses. Você faz parte disso.

Ao meu querido orientador e eterno chefe, Vergara, que acreditou, incentivou e nunca desistiu: não tenho palavras para agradecer pela paciência que teve e por toda a motivação que me deu.

Principalmente, agradeço aos meus pais, Alceu e Maria, que sempre me incentivaram nos estudos, na faculdade e fizeram tudo isso ser possível. Não teria chegado aqui sem eles.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso visa abordar os dilemas e desafios que envolvem o sentido público dos museus de arte no Brasil utilizando como estudo de caso o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC) e a cidade a partir dos conceitos de pertencimento e vínculo nas relações entre museu, público e cidade e a alienação dos valores que regem a arte contemporânea, entendendo o MAC como um representante de museu de arte contemporânea brasileiro. Ressaltam-se suas particularidades como um projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, instituído ponto turístico e localizado em um mirante, e suas ações através de sua programação.

Palavras-chave: museu; arte contemporânea; público; pertencimento; Niterói; MAC Niterói; Oscar Niemeyer

ABSTRACT

This conclusive research work aims to approach the challenges and dilemmas that comprehend the public meaning of art museums in Brazil, using as a case study the Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC) and the city, making use of belonging and bonding concepts to understand the relation between the museum, the public and the city and the alienation of values that dominate contemporary art, seeing MAC as an example of Brazilian contemporary art museums. We also draw attention to the particularities of being an Oscar Niemeyer's architectural project, a touristic sight located at an overlook, and its actions through the museum's schedule.

Key words: museum; contemporary art; public; belonging; Niterói; MAC Niterói; Oscar Niemeyer

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 Museu Guggenheim Bilbao.....	9
Fig. 2 Mirante da Boa Viagem antes da construção do MAC.....	11
Fig. 3 Logomarca da Prefeitura de 2009 a 2012.....	12
Fig. 4 Logomarca da Prefeitura de Niterói desde 2013.....	13
Fig. 5 Obra <i>Atenção... Sentido</i> , de Nelson Leirner.....	22
Fig. 6 Obra <i>Por que museu?</i> , de Nelson Leirner.....	22
Fig. 7 Interior do Restaurante Olimpo.....	23
Fig. 8 Estação de barcas de Charitas.....	24
Fig. 9 Mapa apontando o Museu de Arte Contemporânea de Niterói e o Restaurante Olimpo.....	24
Fig. 10 Projeto Rede, de João Modé.....	27
Fig. 11 Recado de um visitante na rede.....	27
Fig. 12 Atividade com o Projeto Rede no Dia das Crianças.....	28
Fig. 13 Registro da atividade “Você no museu”.....	28
Fig. 14 Registro da atividade “Você no museu”.....	29
Fig. 15 Performance dentro da exposição de Daniel Santiago.....	30
Fig. 16 MAC Fórum “Condições indígenas”.....	32
Fig. 17 Museu Fórum “Direitos Autorais nas Artes Plásticas”.....	33
Fig. 18 Performer Cecília Carvalhaes.....	35
Fig. 19 Museu Fórum “Mulheres na Arte e na Vida: Representação e representatividade”.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gráfico de visitação anual do MAC.....	13
Tabela 2 - Gráfico de visitação mensal durante o ano de 2016.....	14

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo I – Arquitetura vs Museu	11
1.1 Histórico – Genealogia de um lugar de contradições.....	11
1.2 Museus templos x Museus fóruns.....	15
Capítulo II - Desafios e dilemas da arte contemporânea para os museus – Práticas Experimentais no MAC entre 2014-2016	19
2.1 Relação com a arte contemporânea.....	19
2.2 Ações de relação com o público – Tentativas de criação de vínculos.....	25
Capítulo III – Museu Fórum – Um programa de visão curatorial ampliada	31
Considerações Finais	38
Referências	40
Anexo	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso visa abordar a relação entre museu, arte contemporânea e público utilizando como estudo de caso o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC) e a cidade, incluindo também suas particularidades como um prédio assinado por Oscar Niemeyer, instituído ponto turístico e situado em um mirante.

O trabalho foi realizado através da experiência da própria autora, que exerceu durante três anos (2014-2016) a função de produtora de atividades da programação do museu e assistência na direção e curadoria, embasada por autores contemporâneos e debates dentro das áreas de museu e de arte educação. Desta forma, esta abordagem é centrada em relatos da vivência e memórias da autora, que atuou como pesquisadora de forma participativa ao longo destes anos, incluindo dados fornecidos pelo próprio MAC.

A partir de conversas e reuniões de estratégias, foi escolhido um dos desafios enfrentados pelo museu para o tema deste trabalho, que pode ser compartilhado com outras instituições de mesmo teor: a questão do sentimento de pertencimento e vínculo do público em relação ao museu e à arte contemporânea, levantando as problemáticas que envolvem este tópico e as tentativas de atravessá-lo através de atividades e programas curatoriais que investem nas práticas artísticas, educação e museologia social.

Primeiramente, toma-se como ponto de partida conceitual o entendimento que o MAC Niterói desde a sua inauguração é um lugar de contradições, pois ao mesmo tempo em que abriga uma das maiores coleções de arte contemporânea brasileira, é um território turístico como mirante e também um fenômeno na história da cidade que passou a ser símbolo oficial de sua prefeitura com projeção internacional. Pode se considerar em sua complexidade como um lugar/não-lugar, resgatando os termos de Augé (2004). Como garantir uma excelência expositiva sendo uma instituição municipal? Como lidar com o compromisso à cidade e, ao mesmo tempo, lidar com seu reconhecimento como museu de arte contemporânea pelo mundo?

O MAC foi concebido em meio ao cenário dos anos 90 de marketing das

ciudades (*marketing the city*¹), quando houve um movimento de reurbanização das cidades, investindo em obras arquitetônicas monumentais a fim de incentivar o turismo na região. Também foi cenário consecutivo à Constituição de 1988², quando os municípios passaram a possuir maior independência política, administrativa e financeira, podendo assim legislar sobre assuntos de interesse local e utilizar seus impostos de maneira autônoma.

Assim como o exemplo de Bilbao, na Espanha, que iniciou em 1992 a construção do Museu Guggenheim Bilbao com um projeto do arquiteto canadense Frank Gehry como uma aposta de reurbanização bem sucedida que transformou a cidade em um dos principais pontos turísticos espanhóis, o MAC também transformou Niterói fortalecendo seu turismo e economia.

(...) podemos entender que a vinda da coleção João Sattamini para Niterói veio ao encontro do interesse do Governo Municipal, no que se refere ao desenvolvimento do perfil turístico-cultural da cidade. (CAMPOS, 2002, p. 36)

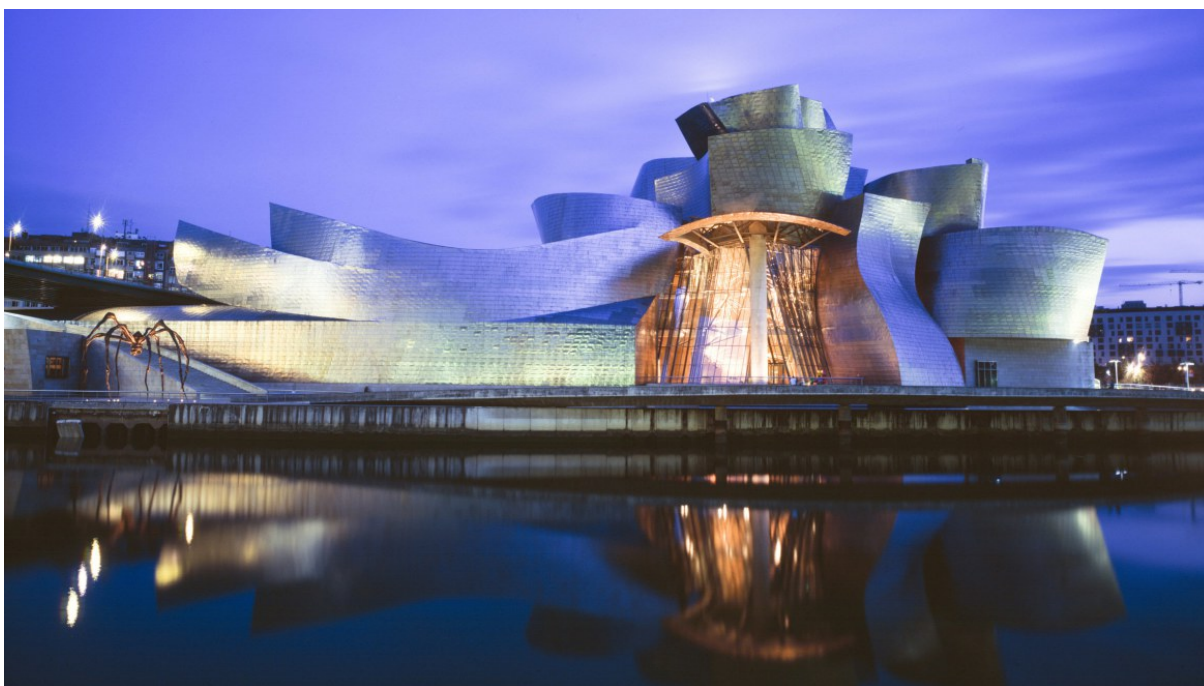


Fig. 1: Museu Guggenheim Bilbao, na cidade de Bilbao, na Espanha.³

¹ SMYTH, Hedley. *Marketing the city: The role of flagship developments in urban regeneration*. London: E & FN Spon, 1994. 289 páginas.

² Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acessado em: março de 2017

³ Imagem retirada do site oficial. Disponível em: <www.guggenheim.org> Acessado em: Março de 2017

Em seus 20 anos de vida pública, o sucesso turístico e arquitetônico impactou de forma bastante contraditória as relações entre o museu e seu público, formado por visitantes turistas em sua maioria – apesar da visita não ser baixa, o MAC sofre com a deficiência de um público engajado. Os números não refletem a real relação dos visitantes com as obras expostas. É responsabilidade não só da gestão e curadoria, mas principalmente da Divisão de Arte Educação criar ações que intensifiquem a experiência do visitante.

Serão apresentadas algumas destas atividades e suas importâncias na criação de relações principalmente com o público niteroiense. Convém esclarecer que este estudo de caso é constituído por seleções de pontos da pesquisadora identificados como relevantes para o tema, reconhecendo a impossibilidade de cobrir todos os aspectos de 20 anos de museu.

CAPÍTULO I – ARQUITETURA VS MUSEU

1.1 Histórico - Genealogia de um lugar de contradições

A cidade de Niterói até o início dos anos 90 abrigava, ao lado da histórica Ilha da Boa Viagem, uma modesta faixa de terra com vista exuberante para a Baía de Guanabara e o Rio de Janeiro. Possuindo nada além de um trailer no qual vendia lanches, o local era usado como um mirante para os niteroienses da época, sendo chamado de Mirante da Boa Viagem.



Fig. 2: Mirante da Boa Viagem antes da construção do Museu de Arte Contemporânea de Niterói.⁴

Em 1991, o colecionador João Sattamini ofereceu sua coleção à cidade de Niterói. O então prefeito Jorge Roberto Silveira encomendou a Oscar Niemeyer, renomado arquiteto brasileiro, a construção de um museu para a cidade de Niterói com a pretensão de alterar o perfil de cidade-província, sempre às margens do Rio de Janeiro. O local de escolha e inspiração de Niemeyer não foi outro.

⁴ Foto retirada do Fotolog Niterói Antigo. Disponível em: <http://www.fotolog.com/niteroiantigo/6265220/>

Em 1996 o Museu de Arte Contemporânea de Niterói foi inaugurado no Mirante da Boa Viagem. Um novo prédio na paisagem de Niterói, de arquitetura única e notória, assinado por Niemeyer, causou mudanças na história da cidade que perpetuam até hoje.

Como museu, recebeu através de um contrato de comodato uma das maiores coleções de arte contemporânea brasileira, de propriedade de João Sattamini. Isso o colocou como referência nacional e internacional no mundo da arte, realizando relações de empréstimos de obras para locais de grande renome, como a Tate Modern, em Londres; Instituto Tomie Ohtake e Pinacoteca, em São Paulo; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, em Madri, entre outros de uma notória lista, e também recebendo exposições internacionais de destaque, como *Deuses Gregos (Coleção Pergamon e Berlin)*, *Antoni Gaudí and the days of creation*, sobre a vida do arquiteto espanhol, criada especialmente para a Jornada Mundial da Juventude, *Miró*, celebrando o 10º aniversário do museu, *Ten Thousand Waves*, do artista inglês Isaac Julien, patrocinada pela Fondation Louis Vuitton, *THE EGG 1958-2008 – A tribute to Tal R*, da icônica cadeira EGG, *The SCAR Project*, com fotografias tiradas por David Jay de mulheres que superaram o câncer de mama, entre outras (Museu de Arte Contemporânea, 2016).

A Prefeitura na época de sua inauguração, em uma estratégia política, tornou-o símbolo da cidade, aderindo o prédio em sua logomarca que, com o tempo, estampou também propagandas, cartões postais, revistas, fotos de formatura e outdoors de marcas e assuntos diversos de Niterói. Logo a cidade assumiu o museu como parte de sua identidade.



Fig. 3: Logomarca da Prefeitura de 2009 a 2012



Fig. 4: Logomarca da Prefeitura de Niterói desde 2013.

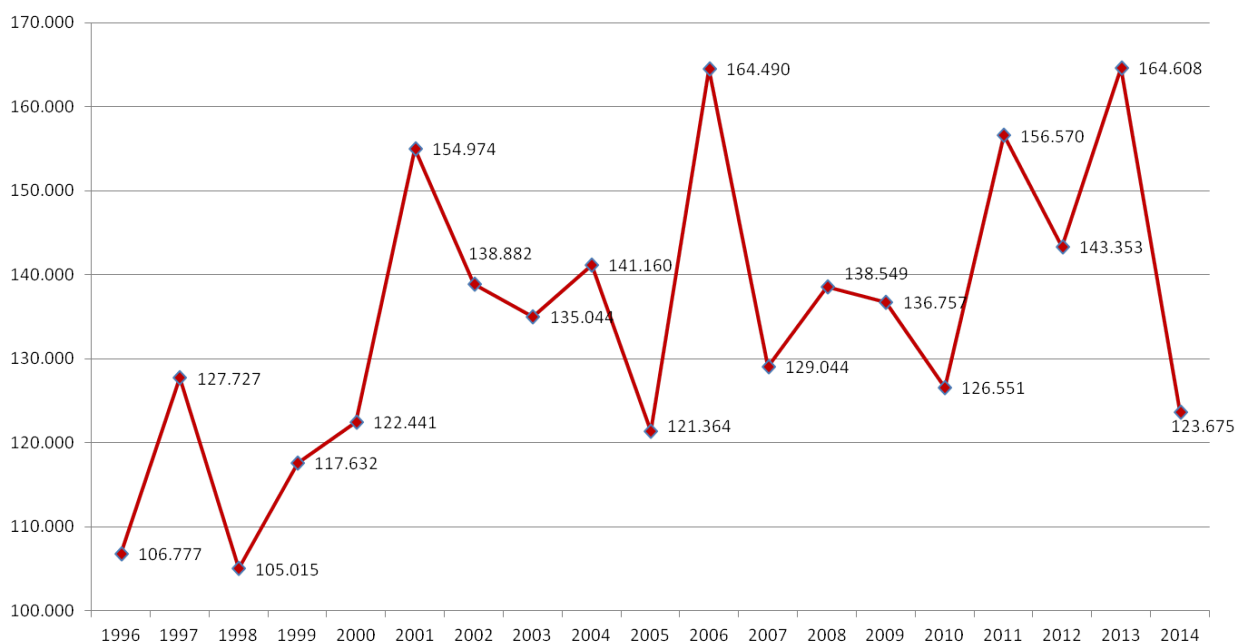


Tabela 1: Gráfico de visitação anual do MAC de 1996 a 2014. (MAC, 2015)

Ao longo de seus 20 anos, o MAC recebeu cerca de 3 milhões de pessoas, com uma média de 12 mil visitas por mês (MAC, 2016). Apesar do forte número de turistas, grupos escolares e público em geral, nem todos visitam as exposições em cartaz, fato visto como uma das problemáticas do museu. Uma considerável parcela dos visitantes prefere ficar na praça externa, tirando fotos e admirando a paisagem, não entrando no espaço expositivo.

Em dados disponibilizados pela administração do museu no mês de sua reabertura, em junho de 2016, temos um total de 16.757 visitantes do dia 16 de

junho (dia em que o museu foi oficialmente reaberto) até o dia 30 do mesmo mês, sendo que deste total, apenas 47,43% entrou na galeria do museu, ou seja, 7.948 pessoas. 52,57% do público deste mês permaneceu apenas na praça. Em relação à visitação anual, apenas 35,16% visitaram as exposições (ibid). Estes dados embasam o que Claire Bishop chama de “starchitecture” (BISHOP, 2013, p. 11), ou seja, quando os prédios dos museus tornam-se mais atrativos do que as obras de arte que compõem as exposições em seu interior, levando com que o “visitante encontrasse uma euforia primeiramente em relação ao espaço, e só então em relação à arte”⁵ (KRAUSS, 1990 *apud* BISHOP, 2013, p.5)⁶.

MUSEU DE ARTE CONTEMPRÂNEA VISITAÇÃO 2016

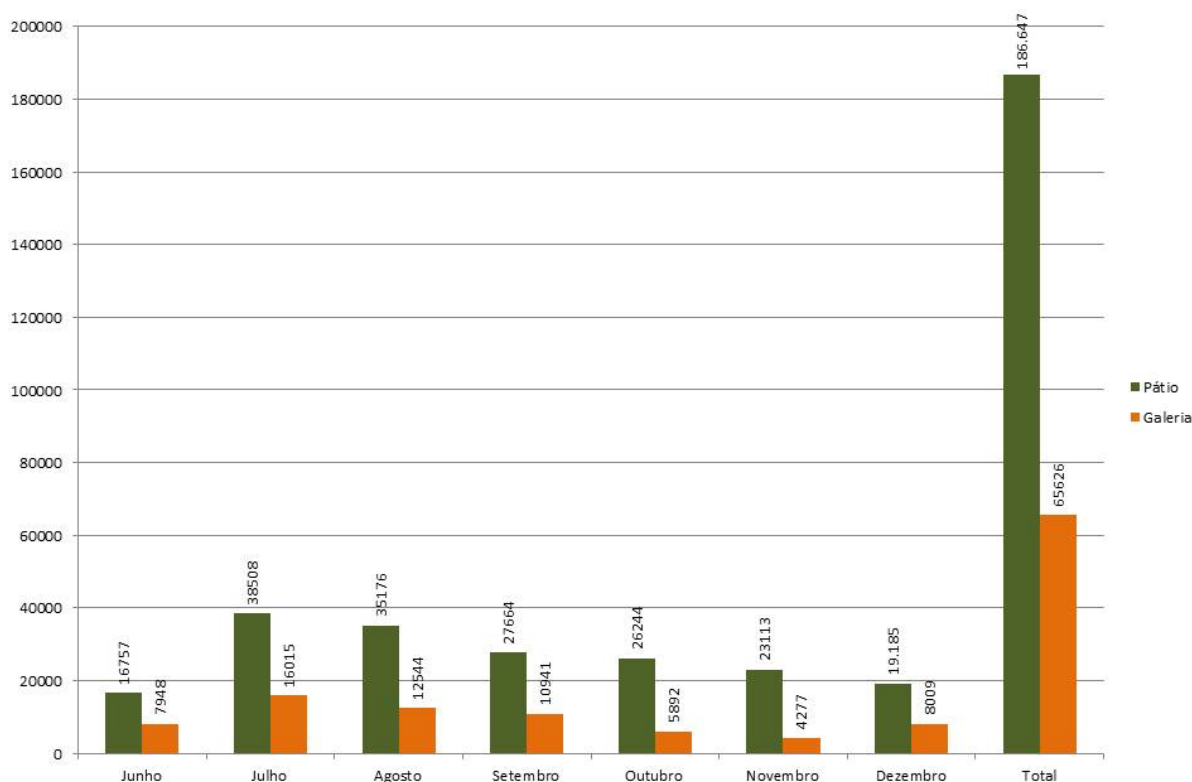


Tabela 2: Gráfico de visitação mensal durante o ano de 2016 com os números de visitas do Pátio e da Galeria. (MAC, 2016)

Marc Augé (2004) analisa duas noções de espaço público: o “lugar

⁵ Tradução livre: “Rather than a highly individualized artistic epiphany, viewers to these galleries encountered a euphoria of space first, and art second.”

⁶ KRAUSS, Rosalind. The Cultural Logic of the Late Capitalist Museum. In: October, no54, Fall 1990, p. 14.

antropológico” e o “não lugar”. O lugar antropológico é definido como local identitário, local este em que é criada uma relação – pode-se entender como o lar, a igreja, a escola. Em oposto, não há relacionamento no não-lugar. São os aeroportos, os postos de gasolina, os supermercados – os lugares em que passamos batidos, sem criação de vínculos.

O MAC é ambos – assim como um museu/ponto turístico e assim como um templo/fórum (que será tratado nas próximas páginas), também é um lugar/não-lugar em que há uma diferença na relação com o prédio ao vislumbrar a arquitetura/paisagem e na relação afetiva com o museu em si.

1.2 Museus templos x Museus fóruns⁷

Nossos museus estão passando por uma necessidade desesperada de psicoterapia. Existe um evidência abundante de uma crise de identidade em algumas das maiores instituições, enquanto outras estão em adiantado estado de esquizofrenia. Isto, é claro, é uma doença nos museus relativamente nova, e nós ainda temos que conviver com as mais tradicionais reclamações e desilusões de grandeza, por um lado, e afastamentos psicóticos, por outro, mas a crise do momento, colocando em termos simples, é que nossos museus e galerias de arte parecem não saberem quem e o que eles são. Nossas instituições são incapazes de resolver seus problemas de definição de papéis. (CAMERON, 1971)⁸

Uma discussão recorrente em relação aos museus é sua funcionalidade como espaço. Mia Couto, em sua palestra “Os tempos que há no tempo” (2013), explica como os museus são vistos como “templos do tempo”, lugares onde se cultua a narrativa do tempo. Os “museus templos”, termo que usarei aqui, definem o museu como o local de narrativas históricas, de espetáculo, por si só. Lasmar (2003, p. 314) diz que, para o grande público, os museus continuam sendo “espaços de sacralização do saber”:

⁷ O conceito de “museu-fórum” foi criado por Duncan F. Cameron em seu artigo “The Museum, A Temple or the Forum”.

⁸ CAMERON, Duncan. The Museum, a Temple of The Forum (1971). Tradução: “Our museums are in desperate need of psychotherapy. There is abundant evidence of an identity crisis in some of the major institutions, while others are in an advanced state of schizophrenia. These, of course, are relatively new museum ailments, and we still have to live with the more traditional complaints-delusions of grandeur on the one hand and psychotic withdrawal on the other-but the crisis at the moment, put in the simplest possible terms, is that our museums and art galleries seem not to know who or what they are. Our institutions are unable to resolve their problems of role definition.”

Ainda hoje o museu é visto como um lugar para se “guardar” objetos que um dia tiveram significado e serventia ou também para olhar as paredes repletas de quadros e admirá-los. (ibid, p.314)

Mário Chagas (2004, p. 18) comenta sobre os modelos educativos e culturais dos museus templos que, segundo ele, “valorizam o ter em detrimento do ser, a bugiganga em detrimento do humano”:

Estes modelos resultam em processos museológicos que cultuam acervos, que valorizam a acumulação de tesouros materiais, que compreendem o cultural engessado nas coisas, aprisionado na órbita da morte. Para os adeptos desses modelos o interesse museológico concentra-se no valor mercadológico e não na cultura viva ou na relação que os seres mantêm com os outros seres, com os bens tangíveis e não-tangíveis.” (ibid, p.18)

Para ele, os museus são impermanentes. A eternidade que é oferecida em tais narrativas históricas, objetos históricos, é impermanente. Os museus estão sempre em movimento e cada vez mais esses modelos educativos estão sendo rompidos (ibid, p.17-18). Passa-se a valorizar a relação direta com o expectador e sua experiência no local e com o local.

O termo “museu fórum” aqui designa o museu que vai além da mera exposição de objetos ou da busca incessante por números – é o museu escola, o museu vivo que, através da arte e de ferramentas educativas e curatoriais, questiona, discute, propõe, ensina e interage.

Entende-se que a arte não é de fácil compreensão para todos – principalmente a contemporânea. Muito além de expor obras e realizar visitas guiadas, o museu fórum pode propor reflexões em torno do conceito de tal mostra, em torno de questões emergentes da sociedade, poderá formar um público atento e questionador, causar um entendimento, conhecimento, pertencimento.

Diferentemente do antigo museu, do museu tradicional que guarda, em suas salas, as obras-primas do passado, o de hoje é, sobretudo, uma casa de experiências. É um paralaboratório. (PEDROSA, 1995, p. 295)

Segundo Vergara (2003, p.5), há uma utopia em relação à forma-função do MAC Niterói como sendo um museu para todos – ao mesmo tempo que possui o compromisso de um museu de arte contemporânea com um dos maiores acervos do país e reconhecimento internacional, deve manter seu complexo papel como museu público. Não houve de modo intenso em sua história o investimento em mega-exposições nem em uma forte divulgação. Não houve, também, a busca por filas dobrando a esquina – mas houve diversas tentativas de instalar projetos que enriquecem e buscam aproximar as práticas artísticas do público e do museu, utilizando-se de estratégias experimentais como um laboratório e espaço de aprendizado não apenas para os visitantes, mas também para todos os profissionais envolvidos na sua prática pública - isto é, curadores, artistas, educadores, produtores e museólogos.

Em meu último ano no MAC, em 2016, após o museu passar pela maior reforma em 20 anos, houve muitos momentos em que se foi discutido entre a equipe de gestão a diferença entre o museu abrir ao público e o museu funcionar em sua missão. Isto porque, mesmo com o alto investimento, a infra-estrutura do MAC ainda estava apresentando diversas falhas – continuava com problemas como a falta de acessibilidade, o perigo de uma rampa escorregadia em época de chuvas, problemas quase que trágicos na reserva técnica do museu e o mau funcionamento do ar-condicionado em pleno verão carioca, para citar alguns. Somando-se a isso, houve ainda a demissão de boa parte da equipe por conta de cortes na Prefeitura. O museu estava aberto sem ar-condicionado, sem reserva, sem equipe de educação e sem seguranças o suficiente para proteger um acervo estimado em R\$100 milhões.

A situação era grave, e nos fez discutir esta questão sobre templo vs fórum. Ali o MAC estava funcionando apenas como ponto turístico e expositivo. Não havia equipe nem orçamento o suficiente para retomar programas educativos e de mediação que davam vida ao museu. Todos os esforços não eram o suficiente com as perdas que haviam acontecido. O que estava priorizado, em meio à crise e ao cenário político de ano eleitoral, era o templo – o MAC estava com as portas abertas ao público, mas não estava em funcionamento.

Os museus podem ser tantas coisas... mas, entre as tantas coisas que eles podem ser, interessa pensá-los como campos de encontro,

paisagens de convivência, arenas de cantoria, antros de cidadania, de resistência, de lazer e de luta, tendo como pano de fundo a memória e o esquecimento, a preservação e a destruição. (CHAGAS, 2004, p. 28)

CAPÍTULO II – DESAFIOS E DILEMAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA PARA OS MUSEUS – PRÁTICAS EXPERIMENTAIS NO MAC ENTRE 2014-2016

2.1 Relação com a arte contemporânea

Ao trabalhar no MAC Niterói não é incomum ouvir discussões em meios sociais sobre o museu. Geralmente, críticas às exposições que acontecem ou aconteceram à época em que estas pessoas visitaram. Excluirei deste grupo profissionais da área artística e cultural, assim como frequentadores assíduos de instituições culturais - mas uma maioria com quem conversei possuía o mesmo discurso. Um dos argumentos utilizados em tais comentários dizia que um museu como o MAC, tratando-se de sua arquitetura grandiosa, moderna, de renome, precisava de exposições “melhores”. Por outro lado, a maioria vinha acompanhado da frase “não entro no MAC há muito tempo” ou “visitei uma vez na vida”.

Na página oficial de Facebook do MAC Niterói, podem-se encontrar comentários semelhantes nas avaliações dos visitantes. Por mais que a maioria destas avaliações venham com cinco estrelas, a maior classificação possível, os comentários em sua maioria são elogios à vista e à arquitetura.

Visual lindo!!! O museu em si é bem chatinho, mas vale a pena ir só pelo visual e pela energia boa que o lugar tem.

Comentário de Luciana Mina Santos Almeida na página de Facebook do MAC em 15 de setembro de 2016 – 5 estrelas

A arquitetura é fora de série mas a exposição em si nem de longe acompanha a expectativa gerada pelo design da estrutura.

Comentário de Petrick Escorsato na página de Facebook do MAC em 24 de junho de 2016 – 3 estrelas

Bela vista, e' o q atrai os vsitantes, pois o Museu em si. ihhhhhh. Melhor nem falar nada.

Comentário de Ton Bricio na página de Facebook do MAC em 16 de janeiro de 2017 – 1 estrela

É bonito, mas mal aproveitado. Melhor por fora que por dentro. Também merecia uma limpeza nos vidros para que os visitantes

possam apreciar a bela vista. Vale conhecer, mas não crie muitas expectativas.

Comentário de Amora Mel na página de Facebook do MAC em 30 de janeiro de 2017 – 3 estrelas

Telma Lasmar, no livro do seminário “História Representada: o dilema dos museus”, publicado pelo Museu Histórico Nacional, relata um pouco desta relação do público com as exposições no interior do MAC. Em uma pesquisa feita com 4.000 entrevistados em relação às exposições vigentes na época, 9,08% acharam ótima, 48,86% boa, 31,07% regular e 10,03% ruim (LASMAR, 2003, p. 315). Ainda sobre tal público, Lasmar relata:

Comentários jocosos, ofensivos ou indignados eram comuns, já que as pessoas buscavam ver obras de arte que se ‘harmonizassem’ com o edifício e a paisagem. A maioria daquelas pessoas estava ali, afinal, para passear, e não para ser instigada a ‘pensar e refletir’ sobre materiais, técnicas, estilos ou propostas. (ibid, p. 314)

Isto gera um questionamento do por que desta má receptividade às obras apresentadas. É possível um museu de arte contemporânea popular, que agrade às massas? A arte contemporânea é uma experiência de elite, destinada somente a poucos?

A relação que se dá entre o público e a arte contemporânea pode ser considerada complexa por uma dificuldade de entendimento, o que leva ao desafio que envolve a própria instituição pública com a cidade de Niterói: o pertencimento, visto que esta arte, fugindo dos clássicos, trabalha com o conceitual. Isto é, em grande proporção, rejeitado pelo público no geral, talvez pelo o que Danto (1995, *apud* VERGARA, 2006a, p. 26) explica por ser uma arte sem um estilo definido. Lasmar (2003, p. 313) justifica essa relação por se tratar de uma arte que “provoca, muitas vezes, inquietação, repulsa, constrangimento e outras sensações menos agradáveis”, tornando-se, assim, de difícil leitura para o leigo. Já Gullar (1959), em sua teoria publicada no *Jornal do Brasil*, coloca a arte contemporânea como um “não-objeto” ao passo em que se distancia da representatividade vista nas pinturas, transpassando a moldura, e do peso, massa e figura das esculturas, fugindo das convenções artísticas.

Não importa o quão bem-intencionada seja a liderança do museu, os curadores e os educadores, estes públicos distintos evidenciam missões normalmente incompatíveis na prática. (VERGARA, 2006a, p. 32)

Em relação à admiração ocasionada em uma visita, G. Scott (*apud* PEDROSA, 1995, p. 297) entende que o processo de depuração do julgamento se faz na medida em que se elimina o “exercício de inferência lógica”:

Na vida agitada e inter-relacionada de hoje, em que nada nos aparece isoladamente, sem o antes e o depois, num encadeamento implacável, a situação do observador para depurar sua apreciação artística de toda *inferência lógica*, é muito difícil. A vida urbana, o mecanismo do cotidiano, não lhe dá quase nenhuma chance para entregar-se àquela apreciação das coisas *direta e imediatamente percebidas*. (PEDROSA, 1995, p. 297)

Pedrosa, ainda na década de 60, entende que a massa não está livre da inferência lógica a ponto de não contemplar as coisas e os momentos da mesma maneira. Até nas visitas em museus, segundo ele, predominam tais elementos, visto que a condução dada ao visitante é realizada sempre com a cautela por estarem próximos a obras de arte, com seguranças, câmeras, cordas – o que se torna mais complexo quando algumas obras da arte contemporânea possuem alto valor no mercado, como o caso de Lygia Clark e Hélio Oiticica, que possuem obras criadas para a interatividade e que, hoje, são exibidas em redomas de vidro - e o ambiente que exige silêncio e, em muitos casos, compostura.

No caso do MAC, a arquitetura transpassa o espaço externo. Ao adentrar as galerias, o espaço chamado “Varanda” possui janelas em todo seu entorno circular, com uma vista para a Baía de Guanabara, praias de Niterói e Rio de Janeiro de 360°. Esta visão, apesar de deslumbrante, pode causar uma certa distração ao visitante, que fica de costas para as paredes expositivas para apreciá-la.

Nelson Leirner, em 2005, abriu no MAC sua exposição individual chamada “Por que museu?”. No espaço da Varanda, utilizou-se deste cenário para compor sua exposição – a paisagem, que para muitos artistas é considerada um desafio, para não dizer competição, foi integrada em sua exibição. As obras ali colocadas dialogavam ironicamente tanto com a relação atrativa da arquitetura com a

paisagem, quanto com a trajetória crítica de Leirner desde o pop e o Duchamp ao colonialismo ao inserir contextos de guerra, e também ao próprio questionamento do local MAC/Varanda ao colocar cadeiras de praias viradas em direção às vidraças do museu.



Fig. 5: Obra *Atenção... Sentido*, 2004, Coleção particular.⁹



Fig. 6: Obra *Por que museu?*, de Nelson Leirner, 2005, Coleção particular¹⁰

⁹ Imagem retirada do catálogo "Por que museu?", 2005.

O título da exposição, “Por que museu?”, foi sugerido pelo então diretor Luiz Guilherme Vergara quando este convidou Leirner a almoçar no restaurante Olimpo, localizado na estação de barcas de Charitas. Este restaurante, tratando-se também de uma obra assinada por Niemeyer, possui semelhanças com o MAC não só em sua arquitetura circular e sua rampa, mas também em sua localização – Charitas é de frente à Boa Viagem, bairro onde é localizado o MAC, e também está na Baía de Guanabara, oferecendo o mesmo tipo de paisagem. É possível ver o Restaurante pelas janelas do MAC e o MAC pelas janelas do Olimpo.



Fig. 7: Interior do Restaurante Olimpo com a vista para a Baía de Guanabara.¹¹

¹⁰ Imagem retirada do catálogo “Por que museu?”, 2005.

¹¹ Imagem retirada do site oficial. Disponível em: <<http://www.restauranteolimp.com.br>> Acessado em: março de 2017



Fig. 8: Estação de barcas de Charitas, em Niterói, desenhada por Oscar Niemeyer. No segundo andar, funciona o Restaurante Olimpo.¹²

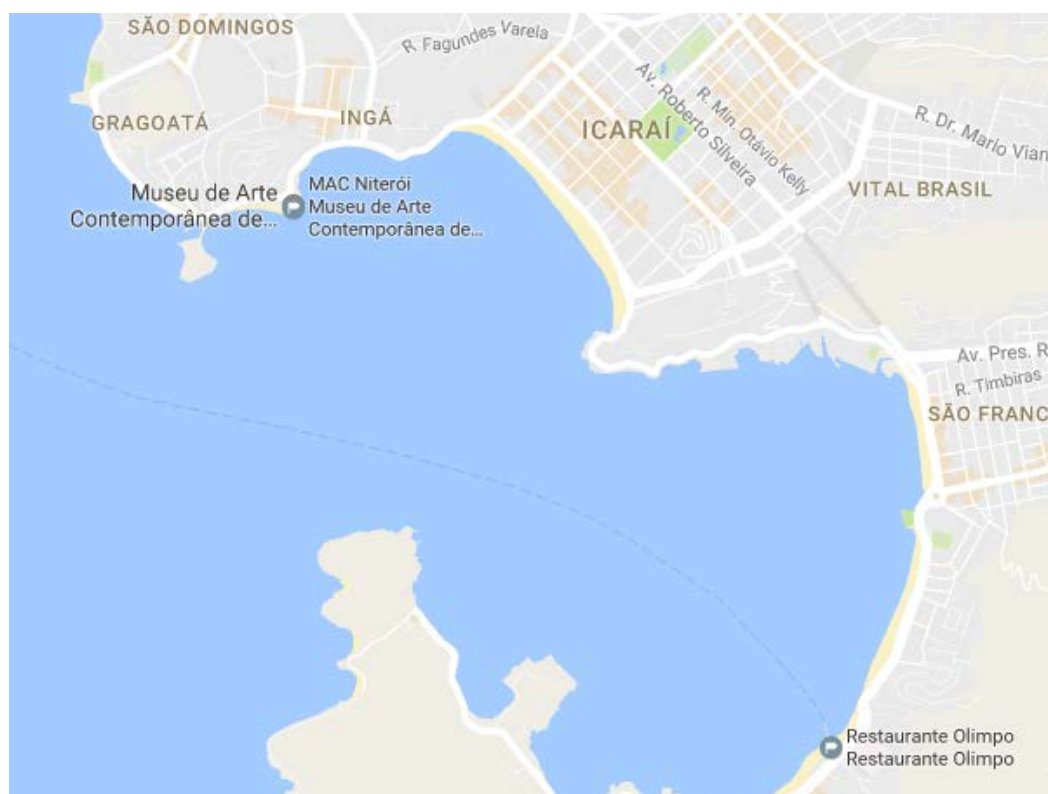


Fig. 9: Mapa apontando as localizações do Museu de Arte Contemporânea de Niterói e do Restaurante Olimpo.¹³

¹² Créditos da imagem: Michel Filho/O Globo. Retirado em <<http://infograficos.oglobo.globo.com/rio/listamos-as-obras-de-niemeyer-no-rio-e-em-niteroi/estacao-de-charitas--19000.html>> Acesso em: março de 2017

¹³ Imagem retirada do Google Maps.

Leirner, que não conhecia a estação de Charitas, ficou indignado com o fato de Niemeyer ter desenhado prédios tão parecidos para funções tão distantes. Aceitou a sugestão de nome dada por Vergara, e o questionamento foi escrito em grandes letras no Salão Principal: “por que museu?” (informação verbal).¹⁴

2.2 Ações de relação com o público - Tentativas de criação de vínculos

No MAC, o desafio desde sua inauguração era estabelecer uma relação de vínculo e pertencimento mútuo com o visitante. Ao expor uma coleção tão grande e valiosa, ainda era preciso cuidados, buscando abrir um diálogo com o público. Considerando que a arte contemporânea não é informativa e nem turística – este trabalho era feito, principalmente, pela equipe da Divisão de Arte Educação do museu através de programas regulares e atividades especiais. Somente a partir de 2005 esta responsabilidade foi integrada à política curatorial do museu, que investiu na educação e a tomou como uma de suas diretrizes.

Foi criado nos anos de 2014 e 2015 o grupo Conectores Platônicos, formado pelos arte educadores e estagiários do MAC, em sua maioria estudantes do curso de Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF). Muitos dos programas realizados na época tratavam da abordagem de público espontâneo pelos Conectores, que convocavam a realizar atividades integradas às exposições em cartaz.

Ontem realizei a ação no pátio "leia-me uma poesia?" em que eu ia espontaneamente até as pessoas e entregava a elas uma folha no mesmo molde daquela outra pequena folha que eu havia mostrado a alguns de vocês (pedindo para recolher uma memória):

"Oi, se não for te incomodar, queria te pedir um favor... **Você poderia ler uma poesia para mim?** Se você aceitar, é só escolher ao acaso uma ou mais poesias e ler para mim. Estarei ouvindo atentamente e apreciando sua voz deslizando pelas palavras, enquanto observo a paisagem e me mantenho atento a tudo ao meu redor..."

Primeiramente era perceptível em suas expressões que as pessoas estranhavam esse desconhecido entregando um papel a elas, parado em sua frente. Mas, pouco depois, ao começarem a ler, um sorriso era esboçado em seus rostos. Uma mulher disse: “que

¹⁴ Relatos da entrevista com Luiz Guilherme Vergara em março de 2017 em Niterói.

bonito!”. E então eu entregava uma seleção de poesias e elas escolhiam qual iriam ler para mim.

Ao terminarem de ler - olham para mim -, pelo presente que acabo de receber, retribuo: “obrigado”. E então recolho as poesias e saio para novos encontros.

Em especial gostaria de relatar um acontecido (...)

Encontrei essa amiga que está lendo a poesia no vídeo. Ela e suas amigas estavam tendo um reencontro de trinta e poucos anos sem ver esse homem que era amigo delas no tempo de faculdade, aqui na UFF. Ele é de perto da minha cidade e a Lucia havia me pedido para tentar descobrir para ela por onde ele andava. Sem eu ter conseguido ajudar, elas o encontraram pela internet (graciosa internet) e estavam celebrando esse momento ontem aqui no MAC.

E a poesia que por acaso "escolhe ela":

“Se recordo quem fui, outrem me vejo,
E o passado é o presente na lembrança.
Quem fui é alguém que amo
Porém somente em sonho.
E a saudade que me aflige a mente
Não é de mim nem do passado visto,
Senão de quem habito
Por trás dos olhos cegos.
Nada, senão o instante, me conhece.
Minha mesma lembrança é nada, e sinto
Que quem sou e quem fui
São sonhos diferentes.”
(Odes de Ricardo Reis. Fernando Pessoa)

Ao terminar de ler, ela diz: "tudo a ver com este momento aqui, agora".

Essa ação vem se somar às reflexões que tenho feito sobre intervenções delicadas, quase imperceptíveis. Então essa postura de anonimidade é importante neste desenvolvimento. E isso me faz pensar na característica do espaço público (pátio do museu), como lugar propício à aproximação entre as pessoas e símbolo da igualdade. Nesse espaço de "estar junto", é possível compartilhar uma mesma experiência, uma mesma vivência, um mesmo aprendizado.

Relato do estagiário Igor Gaviole.¹⁵

Os Conectores estavam, através destas atividades espontâneas de abordagem de público, conseguindo criar conexões com eles, servindo como catalisadores de uma possível mudança no estado de percepção. A atividade “MAC como obra de arte” propunha conversas e caminhadas pelo museu criando uma relação de afeto com sua arquitetura. Também cito aqui o trabalho com a obra “Projeto Rede”, de João Modé, em que o artista criou uma rede de linhas coloridas interativa.

¹⁵ Relato disponibilizado pelo estagiário no grupo de Facebook dos Conectores Platônicos.

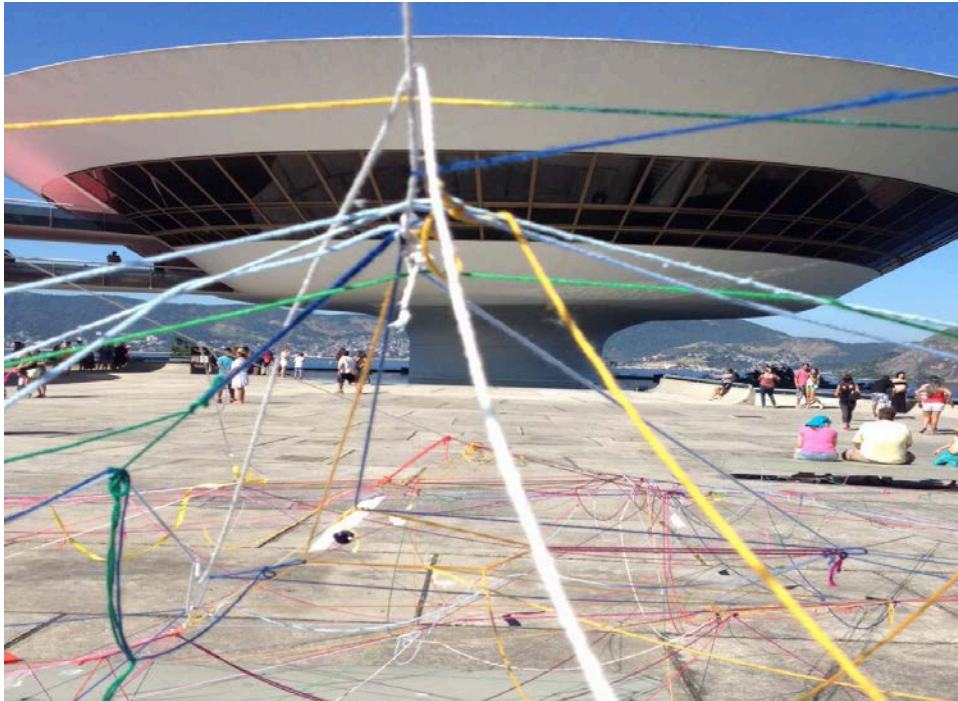


Fig. 10: Projeto Rede, do artista João Modé¹⁶

Os educadores e Conectores convidavam ao público a continuar o trabalho do artista, arrematando mais linhas e pendurando objetos pessoais, como garrafas plásticas de água que estavam bebendo e recados que escreviam em papéis.



Fig. 11: Recado de um visitante na rede¹⁷

¹⁶ Imagem retirada da página de Facebook do MAC Niterói

¹⁷ Imagem retirada da página de Facebook do MAC Niterói



Fig. 12: Atividade com o Projeto Rede no Dia das Crianças, em 2014.¹⁸

O “MAC em Família”, programa regular que acontecia aos fins de semana, envolvia atividades concebidas por arte educadores que eram direcionadas às famílias e crianças que estavam no museu e criando, assim, uma relação próxima destas com o MAC. A atividade realizada em 2015, “Você no museu”, convidava as famílias a montarem suas próprias exposições nas galerias, convidando-as a pensar e adotarem o museu como lugar de criação.



Fig. 13: Registro da atividade “Você no museu”¹⁹

¹⁸ Imagem retirada da página de Facebook do MAC Niterói

¹⁹ Imagem retirada da página de Facebook do MAC Niterói

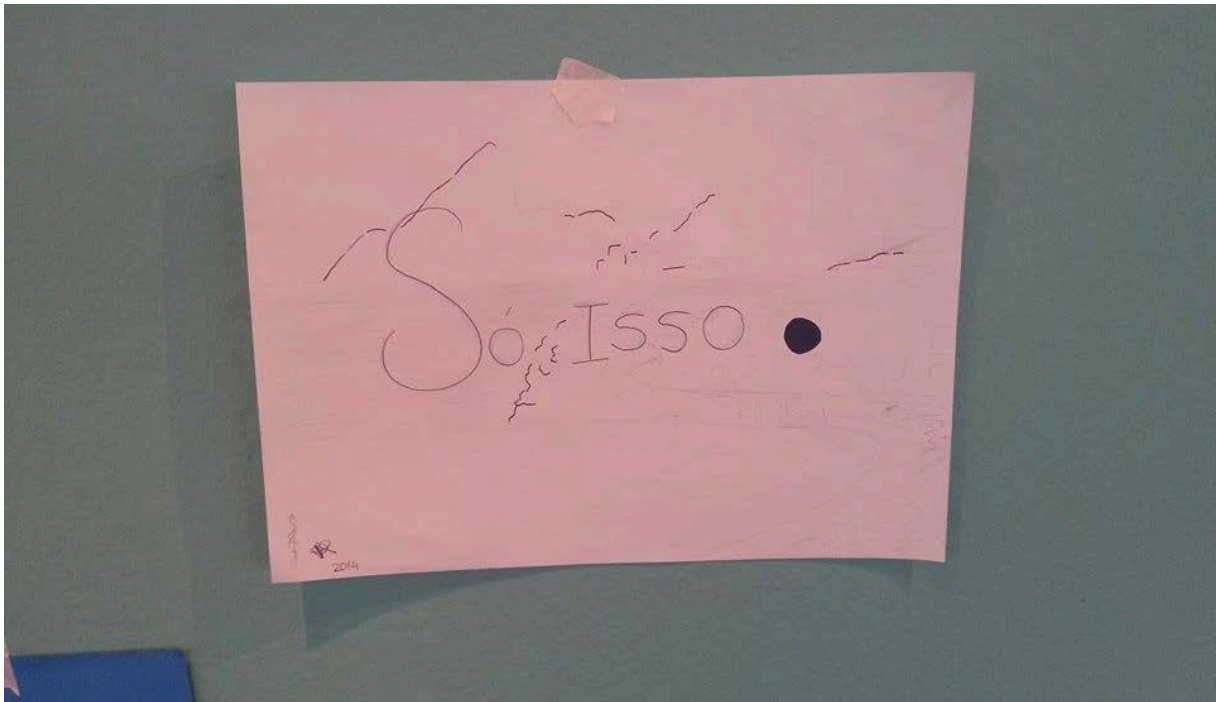


Fig. 14: Registro da atividade “Você no museu”²⁰

Já o “MAC Creche”, trabalho realizado nas creches Professora Lenilda Soares e Nossa Senhora Aparecida pelo educador Daniel Whitaker como residência artística, localizadas no Morro do Palácio, foi um trabalho continuado, ao contrário das atividades mencionadas acima. O público era composto por 30 crianças do Morro, que aprendiam sobre arte e educação ambiental, e era realizado por um arte educador que passou a ser um agente dentro da comunidade. Foi realizada uma peça de teatro com estas crianças, intitulada “As Estrelas são feitas de Nuvens”, apresentada no auditório do museu, em que famílias da comunidade desceram ao MAC para assistir.

Em 2014, o MAC recebeu em seu Salão Principal a exposição “O Brasil é meu abismo”, do artista Daniel Santiago, com produção e curadoria externa. A mostra era composta por arquivos e vídeos das performances realizadas pelo artista, porém não havia planos em realizar as performances em si. O grupo de educadores e Conectores do museu organizaram estas ativações, contando com a participação do artista e abordando o público espontâneo e de escolas.

²⁰ Imagem retirada da página de Facebook do MAC Niterói



Fig. 15: Performance dentro da exposição de Daniel Santiago.²¹

Infelizmente, ao longo de 2015, praticamente todas as atividades foram suspensas por conta dos cortes de funcionários. O trabalho com a creche foi abandonado e as atividades de abordagem foram diminuindo conforme o contrato dos estagiários finalizava.

²¹ Imagem retirada da página de Facebook do MAC Niterói

CAPÍTULO III – MUSEU FÓRUM – UM PROGRAMA DE VISÃO CURATORIAL AMPLIADA

O programa Museu Fórum surgiu, inicialmente, em 2007 com o nome “MAC Fórum”. Ele foi idealizado pela Divisão de Arte Educação dentro da exposição “Aberturas na Auto Estrada” (“*Cracks on the Highway*”, em inglês), do artista português Rigo 23, como uma resposta à colaboração com o artista e com o Museu de Arte Contemporânea da Ilha da Madeira. As pinturas que compunham a exposição e que tratavam de forma crítica questões relacionadas à globalização, às vidas marginais e aos direitos humanos se tornaram eixos dos debates.

Foram realizados, entre os meses de setembro e novembro, cinco fóruns pelos educadores que então atuavam no museu, sendo que cada educador trouxe um tema com que tinha proximidade. Os eixos temáticos trabalhados foram “Condição indígena”, “Realidades (In)Visíveis” – discutindo a comunicação livre -, “Justiça social e ética e sistema penitenciário” - em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos e com a presença do ex-Pantera Negra, Robert King, preso em regime de solitária durante 29 anos - “Juventude em questão” – em parceria com o programa também do MAC, Arte Ação Ambiental, que estava simultaneamente realizando uma oficina de grafite com jovens do Morro do Palácio – e “Questões urbanas e ambientais”.

A oficina de grafite resultou em um convite para integrar a exposição. Cinco jovens fizeram um mural em uma das paredes do Salão Principal retratando o Morro do Palácio.

Na época, o modelo consistia em um convidado que fazia uma apresentação de forma unilateral, não havendo grande espaço ao debate. No retorno do projeto, em 2013, este modelo foi alterado a fim de ceder maior tempo às discussões e questionamentos com o público. Adotando um formato parecido com o de uma mesa redonda, sua estrutura foi composta por três convidados qualificados para tratar do assunto escolhido, um mediador e o público em um círculo de conversas que na maioria dos casos aconteceram dentro da exposição referida. O programa se tornou mensal e abordou temas contemporâneos relacionados às exposições em cartaz.



Fig. 16: MAC Fórum – Condições indígenas no Salão Principal. Ao fundo, mural grafitado por jovens do Morro do Palácio integrando a exposição “Aberturas na Auto Estrada”.²²

O projeto seguiu até 2016 com 24 fóruns realizados²³, sendo coordenado pelo educador Leandro Baptista. Os temas giravam em torno, principalmente, da arte, do meio ambiente, da educação e da política, envolvendo parcerias com as mais diversas instituições e atraindo um público diversificado e interessado pelos temas.

O público variava em torno de 30 a 50 pessoas por fórum e, entre os anos de 2014 e 2015, era gravado e transmitido ao vivo pela internet para aqueles que não poderiam estar presentes.

A temática do projeto geralmente era relacionada às exposições que estavam sendo exibidas no museu naquele mês mas, em alguns casos, se davam no cenário sócio-político da época. Em 2015, o MAC esteve envolvido em um desentendimento com os herdeiros da artista Lygia Clark, então com uma mostra individual no Salão Principal. O motivo era ligado aos direitos autorais das obras e logo foi resolvido, mas, sendo um tema sempre polêmico e complexo, devido à confusa Lei 9.610 que não cobre com precisão todos os temas e possibilidades em torno dos direitos do autor, a direção do MAC realizou o fórum “Direitos Autorais nas

²² Imagem cedida pelo MAC Niterói

²³ Vide anexo com a lista completa disponibilizada pelo MAC.

Artes Plásticas” em janeiro daquele ano, convidando um advogado especializado na área, Dr. Gustavo Martins, e herdeiros de artistas que compunham a Coleção MAC/João Sattamini, sendo estes Clara Gerchman e Cesinha Oiticica, além da presença do artista Carlos Vergara e do então curador do Museu de Arte Moderna do Rio, Luiz Camillo Osório. Este Museu Fórum atraiu artistas, alunos e profissionais das faculdades de direito e também de produção cultural que atuavam na área e estudavam este tema.



Fig. 17: Museu Fórum “Direitos Autorais nas Artes Plásticas” no Salão Principal²⁴

Esta edição, a 13^a, me chama a atenção principalmente por sua importância, além do meu interesse pessoal no tema. Além desta, há outras edições que gostaria de destacar. A 15^a edição, “Redução da Maioridade Penal”, realizada na época em que este tema estava sendo debatido no país. Foram convidados Fransérgio Goulart, integrante da Frente Estadual Contra a Redução da Maioridade Penal, a psicóloga da Universidade Federal Fluminense (UFF), Ingrid Cristina, e o assessor da Comissão de Defesa de Direitos Humanos e cidadania da ALERJ, Antônio Pedro, e foi realizado no Macquinho, localizado no Morro do Palácio, por conta do fechamento do museu. Obteve a presença e interesse de moradores da

²⁴ Imagem cedida pelo MAC Niterói

comunidade, fato quase que inédito nos fóruns realizados anteriormente.

A 17ª edição, “Experiências de Gestões: Público-Privado” também foi desassociada das temáticas expositivas. O MAC, sendo uma unidade vinculada à Fundação de Arte de Niterói (FAN), subalterno a esta a ponto de não ter controle sobre seu próprio orçamento e decisões, criou um diálogo sobre as diferentes formas de gestão, focando nas Organizações Sociais (OS's) que estavam sendo criadas na época, como no Museu de Arte do Rio e no Parque Lage, como opção às burocracias e dificuldades da gestão pública. Estiveram presentes o então diretor do MAR, Carlos Gradim, o doutor em Políticas Públicas Pedro Paulo Gangemi, um representante do Instituto de Desenvolvimento e Gestão, instituto esse que atua por meio de parcerias público-privadas, e, especialmente neste fórum, por conta do tema, mais três debatedores: o então Secretário de Cultura do Estado de São Paulo, Marcelo Mattos Araújo, que veio a Niterói apenas para participar do fórum, o vereador e presidente da Comissão de Cultura, Comunicação e Patrimônio Histórico da Câmara Municipal de Niterói, Leonardo Giordano, e o advogado especializado na área cultural, Dr. Gustavo Martins. Compareceram diversos funcionários da Prefeitura e da FAN, ainda que o assunto não tenha agradado a muitos e tenha causado discussões durante o fórum entre os que defendiam a gestão pública e os que acreditavam no modelo público-privado.

Por fim, gostaria de abordar sobre a 18ª edição, intitulada “Mulheres na Arte e na Vida: representação e representatividade”. No mesmo mês em que o MAC foi reaberto após mais de um ano fechado para reformas, em junho de 2016, a FAN realizou um evento na Praça com diversas atividades ao longo do dia, incluindo performances de estudantes de Arte da UFF. Uma destas estudantes performou, com nudez total, uma depilação no meio da Praça, entre famílias e transeuntes, sem avisos prévios, ao mesmo tempo em que acontecia um show infantil de palhaçaria do outro lado do pátio.



Fig. 18: Performer Cecília Carvalhaes²⁵

A apresentação buscava questionar os padrões de beleza impostos às mulheres pela sociedade e a cultura de estupro, e causou as mais diversas reações do público – muitos ofendidos pela nudez, alguns vendo como um espetáculo e, em alguns casos, crianças curiosamente observando com naturalidade.

O caso, apesar dos despreparos da produção do evento e da própria artista, foi interessante de se observar, porém causou, se não a maior, uma das maiores polêmicas envolvendo o MAC. A performance repercutiu por jornais e grupos de fiscalização do Facebook com as mais diversas opiniões sobre o assunto, em sua maioria, negativas – algumas até mesmo agressivas. Era a primeira semana de museu aberto e este fazia parte da campanha de reeleição de Rodrigo Neves para a Prefeitura de Niterói, porém o acontecimento estava causando reprovações. A assessoria da FAN, no dia, chegou a lançar em sua página do Facebook uma nota de repúdio à artista. As reclamações eram por parte de pessoas mais conservadoras, condenando a nudez, e por artistas e mulheres feministas, que defendiam a performance (a artista chegou a receber ameaças via redes sociais e não recebeu apoio da Prefeitura).

²⁵ Créditos da imagem: Igor Caldas



Fig. 19: Museu Fórum “Mulheres na Arte e na Vida: representação e representatividade”²⁶

A nota gerou polêmica e logo foi substituída por uma mais imparcial e, em meio às discussões, o caso virou tema do Museu Fórum daquele mês, convidando artistas que abordam a temática feminista em seus trabalhos, Roberta Barros, Millena Lízia, Daniella Mattos, Michelle Mattiuzzi e Bruna Benevides, e contando com a presença da própria performer, Cecília Carvalhaes.

A proposta do programa Museu Fórum foi, ao meu ver, uma rica adição à programação do MAC Niterói. O fórum, dado em meio às obras no próprio espaço da galeria, integrava e se misturava com a exposição. Isso não só quebrava o imaginário conservador de um espaço museológico como também alimenta o museu como um espaço fórum/escola.

Os eixos temáticos, sempre em constante atualidade, atraíam os mais diferentes públicos. Apesar dos números de frequentadores do programa não serem considerados altos, o público que estava presente era sempre extremamente engajado ao tema. Isso enriquecia as discussões e, por inúmeras vezes, fazia com que o fórum ultrapassasse o horário delimitado, inclusive estendendo-se ao horário de fechamento do MAC.

Devem-se ressaltar as tentativas em fomentar a acessibilidade por meio do Museu Fórum ao investir na transmissão online, não só garantindo o programa

²⁶ Imagem cedida pelo MAC Niterói. Créditos da foto: Michel Schettert.

àqueles que não puderam comparecer no dia, como também expandindo a possibilidade de assistir ao público que não era local, e também ao definir temas que motivavam o envolvimento de moradores da comunidade do Morro do Palácio, com a qual o MAC possui um histórico de ações e ativações, além de outras comunidades, professores, pesquisadores, estudantes, artistas e ambientalistas, para citar alguns.

O programa movimentou o museu e, por ser uma produção extremamente simples e ser realizável com um curto orçamento – ou, até mesmo, com nenhum -, pôde ter continuidade mesmo após a crise enfrentada pela Prefeitura de Niterói e refletida no MAC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou o Museu de Arte Contemporânea de Niterói através de sua relação com a arte contemporânea, o público e a cidade, assim como as adversidades de ser um local contraditório – museu templo e museu fórum, lugar e não-lugar, museu de arte e ponto turístico.

Durante os anos em que trabalhei no MAC, pude presenciar as diversas dificuldades enfrentadas por um museu, sua relação com o turismo e as tentativas de investir em práticas artísticas que pudessem ocasionar um maior envolvimento do visitante.

O programa Museu Fórum trouxe ao museu a possibilidade de integrar temáticas atuais e diversas às exposições em cartaz, contextualizando as mostras e atraindo um público engajado. Auxiliou, assim, no enriquecimento da programação e levou ao MAC pessoas das mais diferentes classes, tribos, comunidades e atuações.

É importante salientar que os programas e atividades realizados não funcionavam – e nem tinham como intenção – no macro, e sim nas micro-geografias. Não tinham como propósito atrair maior público ou torná-lo um frequentador do museu. As atividades educativas tinham como função criar uma relação de afeto – um visitante que é abordado de uma forma inusitada por uma leitura poética pode passar a possuir uma visão e percepção diferenciada daquele lugar; as crianças e famílias que são levadas ao museu não para receber visitas explicativas, e sim para atuar naquele campo de modo criativo, podem mudar sua visão acerca dele.

Por serem ações em micro-esferas, não há grande reconhecimento. Pode-se dizer que poucos as entendem como movimentos de um museu na busca de aprofundar e significar a interação com os visitantes. Por muitas vezes, os próprios funcionários condenavam algumas das atividades que eram desenvolvidas, ora porque poderiam ser trabalhosas, ora por serem realizadas em meio às obras de arte de inestimável valor à história contemporânea. É fundamental uma qualidade profissional nos recursos humanos de um museu em todos os seus setores para que este não permaneça somente em sua forma templo.

Com os cortes realizados em 2015, seguidos de uma quase que falência financeira da Fundação de Artes em 2016, a produção das atividades e realização de programas, exposições e formações foram dificultadas e, muitas vezes,

impossibilitadas. Foram demitidos quase todos os funcionários da Divisão de Arte Educação, demonstrando a visão da Prefeitura acerca daquele museu.

O MAC como ponto turístico vai contra os investimentos necessários para a qualificação de sua função como museu de arte contemporânea. São priorizados os orçamentos que possibilitem a abertura de suas portas ao visitante em deficiência da qualidade de funcionários, programações e serviços, até mesmo de condições mínimas de funcionamento como ar condicionado, acessibilidade e segurança.

Em suma, não se pode afirmar se as práticas curatoriais e educativas realizadas ao longo destes últimos anos foram sucedidas no sentido de intensificar os laços com a cidade e os visitantes. Foram tentativas que ocasionaram um impacto em maior ou menor escala individualmente, porém com a impossibilidade de dar continuidade às ações, tanto o museu, o visitante e os profissionais sofrem perdas em suas experiências museológicas.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 4ª edição. São Paulo: Papirus, 2004, 112 páginas.

BISHOP, Claire. *Radical Museology – or, What’s ‘Contemporary’ in Museums of Contemporary Art?*. London: Koening Books, 2013.

CAMERON, Duncan. The Museum, a Temple of The Forum. 1971 In: ANDERSON, Gail. *Reinventing The Museum: Historical and Contemporary Perspectives on the Paradigm Shift*. Lanham: Altamira Press, 2004.

CAMPOS, Márcia. *MAC de Niterói: Práticas, relatos e impressões de um espaço vivenciado*. Rio de Janeiro, 2002. 169 p. Mestrado em Artes Visuais – Escola Nacional de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2002.

CHAGAS, Mario. Os Museus na Sociedade Contemporânea: Um olhar poético. In: III Encontro Regional da América Latina e Caribe – CECA / ICOM: Museus e Patrimônio Intangível – O patrimônio intangível como veículo para a ação educacional e cultural, 2004, São Paulo, III Encontro Regional da América Latina e Caribe – CECA / ICOM, São Paulo, FAAP, 2004, p. 17-30.

COUTO, Mia. Os tempos que há no tempo. In: 23ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus, 2013, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/23-conferencia-do-icom/videos/os-tempos-que-ha-no-tempo> Acesso em: março de 2017

FABIANO JUNIOR, Antonio. Relações entre cidades e museus contemporâneos: Bilbao e Porto Alegre. *Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo EESC-USP, São Paulo, primeiro semestre de 2009. Nº 9, Artigos e Ensaios, p. 154-167.

GULLAR, Ferreira. Teoria do não-objeto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 e 20 de dezembro de 1959. Suplemento Dominical, p.1.

LASMAR, Telma. A Relação Dialogal entre o visitante e o Museu de Arte Contemporânea de Niterói. In: Seminário Internacional História Representada: o dilema dos museus, 2002, Rio de Janeiro. *Livro do seminário internacional*, Rio de Janeiro: Livros do Museu Histórico Nacional, 2003. 320 p. Espaço e Museu, p. 311-318.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE NITERÓI. Site Oficial. Disponível em: <www.macniteroi.com.br> Acessado em: 26 de dezembro de 2016

_____. Facebook Oficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/macdeniteroi.OFICIAL>> Acessado em: 11 de março de 2016

PEDROSA, Mário. Arte Experimental e Museus. In: *Política das Artes: textos escolhidos I*. São Paulo, EDUSP, 1995. 368 p.

PEIXOTO, Leonardo S. D. A autonomia dos municípios na constituição brasileira de 1988. In: *Memoria del congreso nacional de derecho municipal descentralización y gobernalidad*. Arequipa: Adrus, 2010. 865 p. P. 423-437

SMYTH, Hedley. *Marketing the city: The role of flagship developments in urban regeneration*. London: E & FN Spon, 1994. 289 páginas.

VERGARA, Luiz Guilherme F. B. Antropofagias contínuas entre antimuseus e mundo. In: *Museu e Experiências Civilizatórias*. 2003, Rio de Janeiro.

_____. *Em Busca de uma Missão e Identidade para os Museus de Arte Contemporânea Brasileiros no Século 21: Estudo de Caso: Museu de Arte Contemporânea de Niterói*. Nova Iorque, 2006. Dissertação – Departamento de Artes, New York University, Nova Iorque. 2006a.

_____; FARIAS, Agnaldo. Por que museu?. Niterói: MAC, 2006b.

ANEXO

Lista completa das edições do programa Museu Fórum entre os anos de 2013 e 2014:

1ª edição - “Democracia direta, engajamento e subjetividades”

Programação dedicada à exposição: “Joseph Beuys: Res-Pública – Conclamação para uma alternativa global” entrelaçando-a com as Manifestações de Junho.

Convidados: Cezar Migliorin, Ratão Diniz e Agência Papagoiaba.

Data: 30/10/2013

2ª edição - “Arte Ação Ambiental – Propostas em Defesa Della Natura”

Programação dedicada à exposição: “Joseph Beuys: Res-Pública – Conclamação para uma alternativa global” com apresentações de associações ambientais associadas à defesa da natureza.

Convidados: Axel Graef, Argus Caruso, Nadam Guerra, Jay Van Amstel.

Data: 13/11/2013

3ª edição - “Transmissores de Pensamentos e as Invenções do Ensinar-Aprender”

Programação dedicada à exposição: “Joseph Beuys: Res-Pública – Conclamação para uma alternativa global”. Convidados: Alexandre Santos (Poeta Xandu), Claudio Barría e Ana Karina Brener.

Data: 27/11/2013

4ª edição – “Território Integrado de Arte e Saúde”

Programação dedicada à exposição: “Sudário”, de Carlos Vergara

Convidados: Lula Wanderley, Jessica Gogan e Bianca Bernardo

Data: 22/01/14

5ª edição – “Labirintos da Liberdade em Conflito”

Programação dedicada à exposição: “Sudário”, de Carlos Vergara

Convidados: Julio César Nicodemos, Frederico Coelho e Mário Miranda

Data: 19/02/14

6ª edição – “Mobilidades em Trama: do território ao simbólico”

Programação dedicada: Temas da cidade

Convidados: Jailson de Sousa e Silva, Clarisse Linke e Luis Araújo

Data: 26/03/14

7ª edição – “Ditaduras Contemporâneas e Campos da Resistência”

Programação dedicada à exposição: “Re-Existência da Arte e Política 1964-2014”

Convidados: Carlos Henrique Aguiar Serra, Luiz Fernando Queiroz, Mídia Ninja

Data: 30/04/14

8ª edição – “Espaços de Vida e Medo”

Programação dedicada à exposição: “Re-Existência da Arte e Política 1964-2014”
Convidados: Alexandre Ciconello, Patrick Granja e Nivia Valença Barros.
Data: 25/06/14

9ª edição – “Mobilização e Resistência”

Programação dedicada à exposição: “O Brasil é O Meu Abismo”, do artista Daniel Santiago
Convidados: Samantha Viz Quadrat, Thamyra Thâmara de Araújo e Thiago Melo.
Data: 30/07/2014

10ª edição – “Micro-geografias da Resistência Humana”

Programação dedicada à exposição: “Espaços Deslocados – Futuros Suspensos”
Convidados: Jorge Luiz Barbosa, Anita Rink e Antônia Ferreira.
Data: 24/09/14

11ª edição – “Experiências do Diálogo Urbano”

Programação dedicada à exposição: “Espaços Deslocados – Futuros Suspensos”
Convidados: Paulo Knauss, Panmela Castro e Gyssele Mendes
Data: 29/10/2014

12ª edição – “Lixo Marinho, o que eu tenho a ver com isso?”

Programação dedicada à exposição: -
Convidados: Priscila Grimberg, Vinícius Pinheiro Palermo, Barbara Franz e CLIN
Data: 26/11/2014

13ª edição – “Direitos Autorais nas Artes Plásticas”

Programação dedicada à exposição: “Lygia Clark: Tudo que é concreto se desmancha no ar”
Convidados: Gustavo Martins de Almeida, Luiz Camillo Osório, Clara Gerchman, Carlos Vergara e César Oiticica Filho
Data: 28/01/2015

14ª edição – “Juventude e Comunicação”

Programação dedicada à exposição: -
Convidados: Marcia Correa e Castro, Rodrigo Azevedo e Coletivo O Papo Reto
Data: 25/03/2015
Observações: Realizado no Macquinho – Plataforma Urbana Digital por conta das obras de reforma do MAC de Niterói.

15ª edição – “Redução da Maioridade Penal”

Programação dedicada à exposição: -
Convidados: Antônio Pedro, Ingrid Cristina e Fransérgio Goulart
Data: 29/04/2015
Observações: Realizado no Macquinho – Plataforma Urbana Digital por conta das obras de reforma do MAC de Niterói.

16ª edição – “Arte e Experiências na Educação Infantil”

Programação dedicada à exposição: -
Mediação: Maria Ignês Albuquerque
Convidados: Karla Ramirez, Daniel Whitaker e Maria Emília Tagliari Santos

Data: 27/05/2015

Observações: Realizado no Solar do Jambeiro por conta das obras de reforma do MAC de Niterói.

17ª edição – “Experiências de Gestões: Público-Privado”

Programação dedicada à exposição: -

Convidados: Carlos Gradim, Pedro Paulo Gangemi e Instituto de Desenvolvimento e Gestão

Debatedores: Gustavo Martins de Almeida, Leonardo Giordano e Marcelo Araújo

Data: 29/07/2015

Observações: Realizado no Solar do Jambeiro por conta das obras de reforma do MAC de Niterói.

18ª edição – “Mulheres na Arte e na Vida: representação e representatividade”

Programação dedicada à exposição: “Ephemera: Diálogos Entre-vistas”

Convidados: Roberta Barros, Millena Lízia, Daniella Mattos, Michelle Mattiuzzi e Daiane Ramos do Mulheres de Pedra.

Data: 20/07/2016

19ª edição – “Águas e Vidas Escondidas / Première The Discarded”

Programação dedicada à exposição: “Baía de Guanabara: águas e vidas escondidas”

Convidados: Axel Grael, Thiago Marques, Maria Ignês Albuquerque, Dora Hees, Rodrigo Sabatini e Hernandez José da Silva.

Data: 10/08/2016

20ª edição – “Governança da Baía de Guanabara”

Programação dedicada à exposição: “Baía de Guanabara: águas e vidas escondidas”

Convidados: Henrique Silveira, Ricardo Coutinho e Luís Firmino

Data: 24/08/2016

21ª edição – “Balneabilidade e Governança da Baía de Guanabara”

Programação dedicada à exposição: “Baía de Guanabara: águas e vidas escondidas”

Convidados: Douglas Moura, Halphy Rodrigues e Guido Gelli

Data: 05/10/2016

22ª edição – “Práticas Artísticas Contemporâneas da Paisagem à Arte Ambiental”

Programação dedicada à exposição: “Baía de Guanabara: águas e vidas escondidas”

Convidados: Artistas-pesquisadores participantes da exposição.

Dia: 05/11/2016

23ª edição – “Arte, Educação e Comunidade”

Programação integrada ao encontro “Conexões Sustentáveis”.

Convidados: Ilana Majerowicz, Priscila Piantanida e Lívia Moura.

Data: 26/11/2016

24ª edição – “Crianças Invisíveis / Racismo Invisível”

Programação dedicada à exposição: “Era uma vez...”

Convidados: Sandra Cabral, Carmen Perez, Marcelo Báfica Coelho, Viviane Matesco e Marcos Romão.

Data: 14/12/2016